

ESPORTES

correiobraziliense.com.br | e-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Candangão

Os jogos de domingo provocaram modificações importantes na classificação do Campeonato Candango. A principal foi a entrada no Capital no G-4 da competição. O Coruja bateu o Legião, por 1 x 0. No Serejão, o Brasiliense manteve a liderança ao vencer o Ceilandense, por 2 x 0. No Defelê, o Sobradinho superou o Real Brasília, por 3 x 1. A próxima rodada da competição será no meio de semana, com jogos na quarta-feira e na quinta-feira.



Auxiliar é figurinha frequente nos jogos da elite do Distrito Federal

CANDANGÃO

Representante da arbitragem do Distrito Federal no quadro da Fifa, Leila Cruz vive ano de volta aos campos após interromper a carreira profissional para realizar o sonho da maternidade. “Isso não é o fim, é só o começo de algo muito maior”, discursa

Amor de mãe sem impedimento

MEL KAROLINE*

Em determinado momento da jornada de uma mulher do esporte, as realizações profissionais e o desejo de experimentar a maternidade se cruzam. Quando isso acontece, surgem dúvidas, medos e anseios de como possibilitar a união dos sonhos de uma carreira e de uma vida, fazendo tudo caminhar junto de maneira sinérgica. Para Leila Cruz, única árbitra do quadro do Distrito Federal, a carregar a insígnia da Fifa, a escolha de dar uma pausa na carreira e realizar o sonho de ser mãe sempre foi muito clara. Figurinha carimbada nas escalas de arbitragem do Campeonato Candango, a auxiliar está voltando neste ano, após uma licença para dar à luz.

Em qualquer carreira, o preço de realizar o desejo de ser mãe custa muito alto. Principalmente, quando avaliada a luta de uma vida toda para conquistar o cargo dos sonhos. O peso da escolha para algumas pode ser difícil, como foi para a central Thaísa Daher. Em 2020, a jogadora de vôlei contou na Série Mulher Real, do programa *Tá na Área*, do SporTV, sobre a escolha de congelar os óvulos para seguir jogando e “postergar” a parada na profissão. Com apoio profissional e pessoal, Leila lidou bem com o processo. Hoje, ela é mãe de um bebê de seis meses.

Para a principal árbitra do quadro brasiliense, a preocupação com a interrupção da carreira não foi um empecilho e contou com planejamento. “Eu sempre quis ser mãe. Busquei me preparar antes, porque

queria dar uma boa estrutura para o meu filho. Quando entrei na arbitragem (se formou no curso em 2013 e se profissionalizou no ano seguinte), conversei com o meu marido (à época noivo) e perguntei se ele estaria comigo, porque precisaria viajar em alguns jogos e ficar dias fora. Então, questionei como seria o nosso relacionamento e ele me apoiou em todos os momentos”, conta, em entrevista exclusiva ao **Correio**.

Com auxílio psicológico para compreender todos os processos, a relação de Leila com a maternidade foi da maneira com a qual ela sempre sonhou. Tão logo descobriu a gestação, a auxiliar — presente na última edição da Copa do Mundo Feminina — pediu a licença-maternidade na Federação de Futebol do Distrito Federal (FFDF), na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e na Fifa. Na ocasião, a auxiliar estava em pleno crescimento na arbitragem de competições locais, nacionais e internacionais e convivia com a chance de ser escalada para mais partidas.

A decisão uniu a possibilidade de aproveitar cada minuto de uma experiência mágica na vida pessoal e, também, evitar qualquer tipo de problema durante a gravidez. “Pedi para me ausentar nesse período, porque eu queria curtir a minha gestação. Não queria estar no campo bandeirando. Primeiro, pela minha segurança. Não sabia o que poderia acontecer e, segundo, porque não era um momento só meu. Como meu marido iria curtir se eu estivesse em campo?”, relata.



Receios

Por lei, desde 2016, a dona de um escudo Fifa tem direito a um ano de licença-maternidade e mais oito meses para a preparação dos testes físicos. Além disso, tem a permanência garantida na lista da entidade. No entanto, outras profissionais ao redor do mundo viram o sonho se transformar em pesadelo. Em 2024, na Turquia, a federação de futebol (TFE, na sigla em inglês) retirou o distintivo da árbitra Betül Nur Yılmaz — também presente na Copa do Mundo de 2023 —, após a profissional comunicar uma gravidez.

Estava tudo certo para a licença ser aprovada, mas, na visão da TFF, a gravidez e as responsabilidades como mãe dificultariam a atuação como árbitra da Fifa e não incluiu Yılmaz na lista de janeiro de 2024. A árbitra contestou a remoção e buscou ajuda do conselho de arbitragem, no qual três dos sete membros votaram a favor, enquanto quatro se manifestaram contra. A TFF refugou as alegações. Para o órgão, a decisão foi baseada no desempenho anual da profissional. Na contestação, Betül lembrou a obtenção de notas acima de oito nas avaliações anteriores.

Leila teve mais apoio no momento. No entanto, o retorno aos campos e às obrigações também trouxeram questionamentos. Para superar a questão, a árbitra recorreu ao auxílio de uma

psicóloga. A ajuda a fez ficar com a mente preparada para encarar os desafios nos gramados após ser mãe. “A volta é mais questão de estar parada por muito tempo. Como está a confiança das pessoas em você? Te olham com um olhar de ‘ela vai conseguir?’. Essas perguntas sempre irão existir”, afirma.

Novo momento

Leila reforça: entender o momento pessoal teve função primordial para ajudá-la a voltar em alto nível à arbitragem. “No campo, a parte mais difícil não é física, é mental. É preciso entender o fato de você estar em uma nova fase. Ainda é aquela pessoa e, ao mesmo tempo, não é. Agora, é além daquilo. Antes, a Leila era só uma assistente. Não havia nada para me impedir ou me preocupar. Agora, eu tenho um filho e, acima de ser bandeira, eu sou mãe”, complementa.

Vivenciar a gestação e ser mãe trouxe para Leila o amadurecimento jamais encontrado em outra experiência de vida. Hoje, a profissional encontrou o equilíbrio entre a “Leila mãe” e a “Leila profissional” e desempenha com maestria as duas funções: em casa, ou nos gramados pelo Distrito Federal, o Brasil e o Mundo. “Espero que muitas meninas consigam entender. Ser mãe não é o fim, é só o começo de algo muito maior e só vamos experimentar quando tivermos coragem para ir até lá”, destaca.

* Estagiária sob a supervisão de Danilo Queiroz

No campo, a parte mais difícil não é física, é mental. É preciso entender o fato de você estar em uma nova fase. Ainda é aquela pessoa e, ao mesmo tempo, não é. Agora, é além daquilo

Leila Cruz, auxiliar do quadro do DF e da Fifa